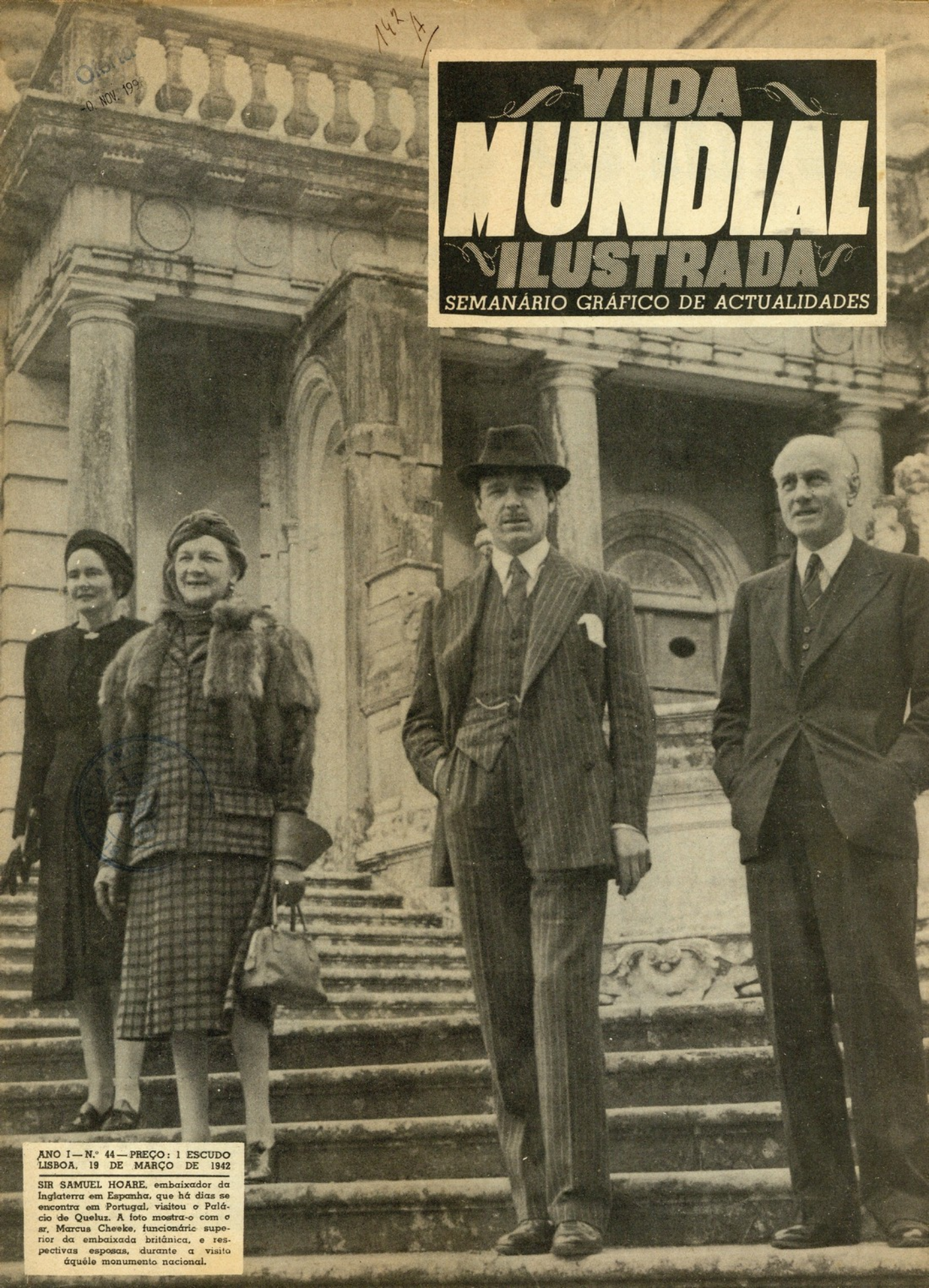


Quinta  
-0. NOV. 1993

142 A

# VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



ANO I — N.º 44 — PREÇO: 1 ESCUDO  
LISBOA, 19 DE MARÇO DE 1942

SIR SAMUEL HOARE, embaixador da Inglaterra em Espanha, que há dias se encontra em Portugal, visitou o Palácio de Queluz. A foto mostra-o com o sr. Marcus Cheeke, funcionário superior da embaixada britânica, e respectivas esposas, durante a visita àquêlo monumento nacional.

# Mario Glory

## ou o milagre da hospitalidade portuguesa

# por Fernando Fragoço #

**C**AIRA a noite. Junho ia adiantado. Na Avenida, Lisboa, encalçada com os primeiros calores, procurava, enervada, uma distração. A guerra eclodira, verdadeiramente, dias

antes, com a invasão da França pelas tropas alemãs. Uma enorme angústia pesava sobre a cidade, mal afeita ainda das notícias das batalhas, que se travavam, de novo, na terra castigada da Flandres. Paris capitulara, em circunstâncias trágicas. O exército alemão desfizera a lenda criada pela Linha Maginot, pelo prestígio do soldado e dos altos comandos franceses.

Sobre o asfalto da Avenida, naquela meia luz indecisa, da transição da tarde para a noite, corriam estranhos automóveis, com os faróis e os níquelados pintados de azul, e números de matrículas de países onde o «black-out» se tornara numa banalidade. Lisboa, sentimental e inquieto, olhava com ternura essas estranhas equipagens, que deslizavam, na sombra, como fantasmas que buscassem a sua forma, ajuizados de malas, colchões e mobília — na improvisação duma fuga, na ansia da libertação do pesadelo da guerra. As janelas dos carros, afloravam os rostos empalidecidos de mulheres e crianças, com marcas evidentes das noites mal dormidas e das provações duma caminhada de léguas.

Os carros paravam, para pedir indicações. O português, solícito, acorria, aqui e ali, no jeito do dono da casa que quer deixar bem impressionados os hóspedes que não espera. E era então a vez da ronda dos hotéis e pensões, a abarrotar de refugiados, dum mundo estranho e cosmopolita que se lançara em busca da Quimera da Paz, e que a encontrara, finalmente, na casa lusitana.

Foi assim que Marie Glory chegou a Portugal, nessa cálida noite de Junho. O velho «Renault», guiado por Jacques Constant, argumentista, realizador e marido da vedeta, fizera penosamente a caminhada! Dentro do pequeno carro, de guarda-lamas amachucados, amolgado na fúria do êxodo — o resto da bagagem e a criada de confiança, que a artista não quisera abandonar, na hora trágica do início da jornada.

Um hotel improvisado, que renascera das cinzas do abandono a que, durante anos, estivera votado, acolheu o casal. Da janela do quarto, dominava-se Lisboa. Em frente, a colina do Castelo, presépio tremeluzente; em baixo, o vale, onde corria a Avenida, rio de luzes. Ao longe, o Tejo, cuja briza se perdera naquela noite de verão... Marie Glory olhou Lisboa tranqüila. Duma rua próxima, vinham os ecos de folguedos populares. Sentia-se que alguma coisa a oprimia... Uma recordação?!... A angústia das emoções que passara?!... Saudades?!... Tentou dominar-se... Quis agradecer, para reagir... Mas tudo em vão! Caiu sobre a cama, vencida, e rompeu a soluçar...

Não era, aquela, a primeira crise que a prostrava. Marie Glory estava

doente, com os nervos abalados, por tantas e tão vivas emoções experimentadas nos últimos dias. O que fôra a sua jornada, só ela podia contar!

A invasão fulminante das tropas alemãs surpreendeu-a, no seu castelo, perdido numa aldeia da romântica Normandia. Pelas estradas da região, celebrada pela paz idílica das campinas, corria agora uma multidão que engrossava, de instante a instante — uma multidão que fugia sem saber para onde, dominada pelo pavor. A onda humana fazia médo! Espriava-se, a perder de vista, acompanhada dum còro de lamentações e imprecações, cortado de invectivas, de súplicas, de gritos lancinantes, de braços

estendidos, e de choros desesperados. Lisboa apareceu-lhes como o pórtulo de salvamento!

Se soubessem o que os esperava, talvez não tivessem tentado a aventura. Levaram horas, para percorrer os primeiros quilómetros. Depois, os fugitivos começaram a ser mais esparsos... O «Renault» pôde correr à vontade. A noite surpreendeu-os numa floresta. Prepararam-se para acampar... Deitaram-se junto do carro, embrulhados em mantas. Momentos passados, o estampido das bombas, a alguns quilómetros dali, despertou-os. Como veddos, que presentissem os caçadores, lançaram-se novamente numa correria louca... A noite estava escura, como

cheias de roupa, que abandonaram nas estradas, em proveito desse líquido precioso, que era o sangue da sua libertação... O carro ia pesado! E havia que andar depressa. Jacques Constant trocou as suas preciosas espingardas de caça, por alguns alimentos... Quando chegaram a Irun, as tropas alemãs faziam os cumprimentos às autoridades fronteiriças espanholas. A bandeira com a cruz gamada subia no mastro. Uma banda militar tocava o «Deutsche ubber alles». Os soldados perfilavam-se, num «apresentar armas» impecável.

Depois de tantas provações dera-se o que recebavam! As tropas germânicas haviam-se antecipado, na chegada à fronteira. Marie Glory chorava de desespero. Alguns carros aguardavam a passagem da ponte. As autoridades alemãs, contra o que os fugitivos supunham, não lhes puseram obstáculos. O carro da vedeta foi o último que passou, sem o «contrôle» das tropas de ocupação que desde então tinham o domínio da saída norte da fronteira francesa.

Quando chegou a Vilar Formoso, Marie Glory teve a maior crise nervosa de quantas a assaltaram, no decurso da sua dramática viagem. Estava finalmente em Portugal! A alegria, por um lado, a depressão causada por tantas emoções por outro — fugitaram os seus nervos doentes. Chorava e ria, batia os dentes, como se tiritasse de frio...

Naquela noite, Vilar Formoso regorjitava de refugiados. As autoridades portuguesas eram incansáveis! Jacques Constant, vendo sua mulher em tão lamentável situação, entregou-a aos cuidados dum agente da Polícia Internacional e foi procurar um médico, entre a multidão que se acotovelava no pósto fronteiriço...

Quando chegou, instantes depois, Marie Glory era outra mulher... Pálida, ainda, sorria para os funcionários aduaneiros, que a haviam reconhecido e lhe solicitavam autógrafos. E falavam-lhe do «Senhor Director» e de outros filmes célebres, que ela havia interpretado...

A hospitalidade portuguesa fizera o milagre! Jacques Constant disse-nos, mais tarde, que ficou, desde então, com uma admiração infinita pela solidão e pelo coração do nosso Povo!



Marie Glory fotografada quando da sua passagem por Lisboa

de angústia e de aflição. Se um automóvel parava, com uma «panne», aquela gente pegava nêle e arremessava-o para a berma da estrada, como objecto inútil, para que não fôsse um escolho mais, a tolher-lhe os passos!

As carruagens, atestadas de mobília, eram impotentes para carregar com as famílias, que palmilhavam precipitadamente o caminho daquele calvário. Fugir — era o «mot d'ordre», ditado pelo pânico. Marie Glory e Jacques Constant iniciaram, no meio deste torvelinho, a sua viagem. Tinham um contrato para os estúdios da Argen-

bréu... Não podiam acender os faróis... Chegaram a uma aldeia distante. Quiseram uma cama, para repousar... «Só alugavam quartos ao mês»... Havia franceses que, apesar de tudo, aproveitavam o infortúnio do seu país, para espolar os compatriotas... Pagaram milhares de francos, por uma noite ansiosa, em que não dormiram, receando sempre que as tropas invasoras lhes tolassem o passo... No dia seguinte, a marcha prosseguiu... A gasolina escasseava... Mas, à força de dinheiro, conseguiram alguns «bidons». Foram sacrificadas malas

Tornámos a ver Marie Glory dias volvidos sobre a sua chegada a Lisboa. Tinha recobrado alento e confiança na vida. Preparava-se para mandar a América do Sul. Desfizera-se das joias — que era tudo quanto lhe restava da sua grandeza passada! Com elas pagara as viagens!

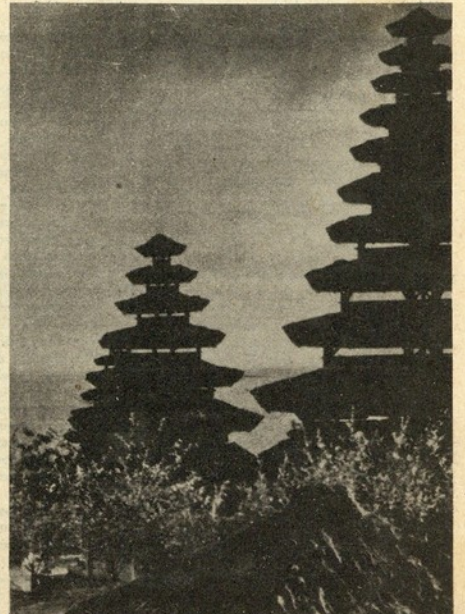
Quando deixou Portugal, compreendeu o significado da palavra «estádida». Os seus olhos nimbaram-se de lágrimas, uma vez mais... Mas agora, lágrimas serenas, e reconfortantes. Lisboa, com as suas casinhas brancas, a trepar pelas colinas, ficou sendo, para ela, a porta dum Mundo que julgara ter desapparecido da face da Terra!

Do livro «Hollywood em Lisboa», a sair brevemente em edição de «Vida Mundial»

# Belezas da ilha de **BALI**



BALI, a ilha dos ritos sagrados e das lindas mulheres, é uma das situadas a leste de Java e já ocupada pelas forças do Micado. Apresentamos nesta página algumas das suas belezas e das estranhas cerimônias feitas em honra dos Deuses do Amor pelas suas belas habitantes. Até agora, nunca o invasor, branco ou amarelo, perturbara a quietude da ilha. O culto do Amor foi também sacrificado à guerra em terras de Bali.



# CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

**D**EPOIS da Companhia Juvenil de Zarzuela, no Maria Vitória — temos agora no Trindade a companhia de revistas Celia Gamez. Quere dizer: em pouco menos de duas semanas, duas companhias estrangeiras actuando em dois teatros portugueses. Nesta hora em que o nacionalismo constitue uma bandeira ao vento, esta offensiva teatral estrangeira não pode merecer a aprovação dos verdadeiros nacionalistas. Num momento em que tantos dos nossos artistas se encontram desempregados e em que tudo aconselha a que se protejam os legitimos interesses nacionais, qual quer que seja a modalidade que revistam, afigura-se-nos que esta autentica invasão de companhias está longe de corresponder a um justo sentimento de oportunidade. Temos de nos bastar a nós próprios — mesmo em arte. E nem sequer se diga que, mesmo em voo artistico, a Companhia Juvenil, do Maria Vitória, e a companhia de operetas Celia Gamez, do Trindade nos trouxeram uma surpreendente manifestação de cultura ou de deslumbramento. Não. A primeira ainda tinha a graciosa mocidade dos seus intérpretes juvenis; a segunda pode afirmar-se que fica aquém do que temos visto, muito vezes, realizado por artistas portugueses. Melhor seria que alguns dos nossos empresários, fechando os bolsos a estes grupos estrangeiros, manifestamente inoportunos neste momento, os abrissem única e exclusivamente em prol dos artistas e do teatro português.

«O GALO DOIDO»

**A**UGUSTO da Costa — um dos nossos primeiros prémios da Academia — anuncia-nos para breve um novo romance. Chama-se *O galo doido*. Deve tratar-se dum dos galos de Apolo de que nos fala Júlio Dantas. Já estamos a ouvir o eminente presidente da Academia dirigindo-se a Augusto da Costa:

— Parabéns pelo seu *Có-có-ró-có!*

CIGARROS

**U**M dia Anselmo Vieira conversava com o bispo de Bethaida. A certa altura, o conhecido economista tirou um cigarro do bolso e dirigiu-se ao prelado que fumava:

— Empresta-me a sua beata para acender o meu cigarro?

Mas logo notando que empregara inoportunamente a palavra beata, apressou-se a desculpar-se. Imediatamente Bethaida, com um sorriso:

— Não faz mal, meu amigo, embora pudesse chamar antes à ponta do meu cigarro pontífice...

AS HORAS E AS MULHERES

**O**S relógios foram adiantados uma hora. Dizia-me ontem Carvalho Duarte que dirige a «Repúblicas»:

— Havia mulheres que já se adiantavam de mais! Que fará agora...

O FRAQUE

**O** fraque é uma plataforma entre a casaca e o *paletó*, quere dizer entre a aristocracia e a democracia.

SEGUIR MULHERES

**Q**UANDO seguirem uma mulher, em plena rua, reparem sempre se algum homem vos segue.

## ESTÁS LÁ, ARMANDO?



Já uma vez escrevemos que Armando Ferreira lembrava aquéle risonho personagem conhecido pelo nome de Mark Tapley que Dickens criou no seu célebre «Martin Chuzzlewit» e cujo fim na existência dir-se-ia ser apenas isto: manter, inemso nas mais penosas circunstâncias, um imperturbável bom-humor. Na verdade o autor da «Lisboa sem camisa» assemelha-se na sua filosofia ao personagem de Dickens. Tendo concluído uma bela manhã, depois de ler o «Diário de Notícias», que a humanidade não podia resgatar-se dos seus erros senão pela boa chalaça, cedo se converteu num intérprete literário da sua própria doutrina. Com pouco mais de 20 anos e algumas centenas de meses escreveu até agora quasi trinta volumes; e se é certo que, de volume para volume, a sua observação se comprax em apurar-se num sentido cada vez mais irónico, os seus processos de realização conservam, de certo modo, as suas características pessoais. Mesmo fisicamente Armando Ferreira não tem mudado muito. Tem-lhe caído o cabelo como a todos os homens célebres; tem pachorrotamente engordado como todos os capitalistas burqueses — mas, de resto, conserva-se o Armando Ferreira dos seus primeiros tempos de literatura. Sábore a mesa em que escrevemos estão agora dois livros armandinos: «Glória», crónica da vida alfacinha, e a segunda edição de «D. Martinho de Aguiar», história das aventuras dum fidalgo em plena cidade das guitarras. Quer um, quer outros destes volumes revelam ou, melhor, sintetizam as qualidades literárias do seu autor. Há quem diga muito mal de Armando Ferreira. Evidentemente ninguém é perfeito neste mundo, mas temos de reconhecer que este homem conseguiu fazer dos defeitos que porventura muitos lhe encontram, algumas qualidades para os seus triunfos no campo das letras. Pela nossa parte há uma coisa que lhe não perdamos: são as coras que temos largado baldadamente nas caixas telefónicas — porque é bom saber-se que Armando é secretário da Companhia dos Telefones, venerável e utilíssima Companhia de surdos-mudos manuais e automáticos...

— E ou não é, Armando?

Mas, como succede aos telefones, Armando — desta vez não responde...

O BANHO DE SUA Magestade

**C**ERTA tarde D. Pedro II conversava com o duque do Cadaval a respeito de mulheres, enquanto o fisico-mor, João Bernardes de Moraes, agitava numa tina de mármore a água para o banho do rei.

— Está boa? — perguntou D. Pedro.

— Um pouco fresca, meu senhor, como a conversa de Vossa Magestade...

HEROICIDADE

**N**O Coliseu. O número das feras amestradas. Um leão aproxima-se da domadora — uma linda rapariga de 25 anos vestida num simples *maillot* cor de rosa — e com a maior galanteria do mundo tira-lhe um torrão de açúcar que ela prende entre os lábios. Um instante de silêncio. Uma rovoada de palmas.

— Ora adeus! Aquilo também eu fazia... — exclama no intervalo o actor Alvaro Pereira que estava a assistir ao espectáculo.

— O quê? Você era capaz de fazer aquilo?

Logo êle:

— O que o leão faz, é claro...

ADUBAR

**T**RANSCREVO da «Gazeta de Coimbra»:

«A campanha da produção é muito louvável. Mas como havemos nós de produzir se, entre outras coisas de primeira necessidade para levar a tarefa a bom cabo, nos falta o sulfato e alguns adubos?»

Aqui está o exemplo dum raciocínio que, por ser muito simples, não ocorre a toda a gente...

OLHARES

**D**. Luiz de Menezes (que foi conde de Tarouca) era de estatura pequena. Ora, uma vez, vindo certo frade capucho (que era vesgo) pedir esmola a sua casa, diz-lhe o conde, por graça:

— Bem era necessário a vossa paternidade um outro ôlho...

Respondeu-lhe o frade:

— E ainda mais outros dois para ver a vossa senhoria...

A MENTIRA

**T**RÊS pintores espanhóis conversavam, uma noite, num «café» de Sevilha. Como artistas que eram, falavam de arte, e, em dado momento, um deles, exaltando os seus méritos artisticos, contou aos outros que pintara, certa vez, uma árvore tão perfeita que os pássaros vinham pousar na tela, chilreando.

— Não me admiro — disse um dos outros — porque eu pintei o ano passado um quadro representando o cair da neve com tal verdade que bastava vê-lo de longe para se tremer de frio...

— Também me não admiro — exclamou o terceiro — porque o retrato do conde de Tortosa que eu pintei, há meses, possui tal assômo de vida que lhe cresce a barba...

*Luiz S. Oliveira*



A SÉ DE LISBOA  
EM NOITE DE LUAR  
(Foto de Armando Seródio)

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## capítulo II - derrota e armistício

3

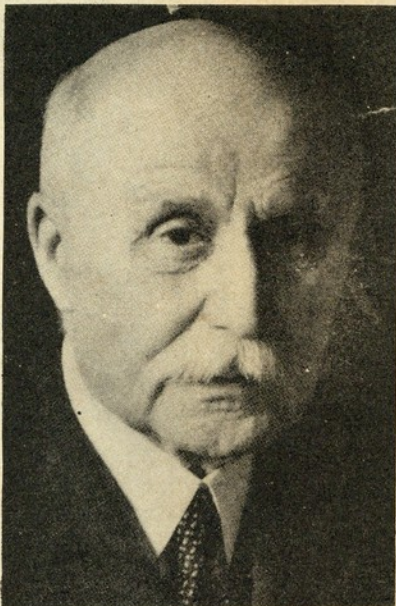
### DOIS ARMISTÍCIOS EM VINTE ANOS

**D**ESDE o fim da segunda semana de Junho que se tinham estabelecido os primeiros contactos entre a França e a Alemanha por um lado, a França e a Itália por outro, por intermédio do embaixador espanhol, sr. Lequerica, e do núncio apostólico, Monsenhor Valerio Valeri. Antes de responder ao pedido francês, a Alemanha e a Itália consultam-se. Em 17, a agência D. N. B. anunciava que o chanceler Hitler ia encontrar-se com o Duce a fim de concertarem uma atitude comum. O sr. Mussolini deixou Roma, nessa mesma noite, em comboio especial, a fim de se encontrar com o chanceler do Reich.

Em 19, reúne-se em Vichy o conselho de ministros para examinar a primeira comunicação alemã transmitida pelo embaixador de Espanha. Nos termos dessa comunicação, os governos dos países do «eixo» informavam o governo francês de que estavam prontos a fazer conhecer as suas condições para cessarem as hostilidades. Logo que os nomes dos plenipotenciários franceses foi transmitido ao grande quartel general do Fuhrer, este designou o local e a hora para se fazer a entrega das condições do armistício.

Os plenipotenciários franceses designados para esse efeito eram o diplomata Leon Noel, antigo embaixador em Varsóvia, o general Huntziger, o almirante Le Luc e os generais Parisot e Bergeret. Em 20 de Junho, estes plenipotenciários saíram, em avião, de Bordéus, a fim de se dirigirem para o local designado pelos alemães. Esse local era a histórica floresta de Reims e as entrevistas entre os delegados franceses e os representantes do Reich desenvolveram-se no vagão onde o marechal Foch vinte e dois anos antes ditara as condições do armistício que pôs termo à conflagração de 1914-18.

Do lado alemão estavam, além do Fuhrer, os principais chefes militares do Reich, os marechais



Marechal Pétain

Brauchitsch, Keitel e Goering, e o almirante Raeder. Além dos objectivos militares em vista, que se prendiam directamente com a cessação das hostilidades, os dirigentes alemães tinham em vista um objectivo político essencial. O partido nacional-socialista conquistara o poder e iniciara a guerra para liquidar o tratado de Versaillies. Era no local onde a derrota da Alemanha wilhelmiana fora consagrada que se iniciava a expiação dos vencedores.

### O ARMISTÍCIO COM A ITÁLIA

A primeira sessão conjunta realizou-se na noite de 20 de Junho. O Fuhrer começou por ler uma extensa declaração em que protestava contra o «diktat» de Versaillies, recordava os sofrimentos do povo alemão e concluía por afirmar que, com a vitória dos seus exércitos, a Alemanha considerava definitivamente abolido aquêle tratado, desejando que, na vida da Europa, se iniciasse um período novo. O chanceler Hitler acrescentou que o governo do Reich não tinha a intenção de abusar da sua vitória nem queria tratar a França, vencida em 1940, como este país tratara a Alemanha vencida em 1918.

Em seguida convidou os plenipotenciários presentes a levantarem-se para prestar homenagem aos mortos desta guerra. Depois desta cerimónia, o Fuhrer retirou-se e iniciaram-se as negociações. O marechal Keitel leu as condições de armistício elaboradas e iniciou-se a discussão que devia ser rápida. Dois dias depois, o texto da convenção era assinado pelo marechal Keitel e pelo general Huntziger. Estabeleceu-se que as hostilidades deviam cessar em seguida à assinatura do armistício com a Itália.

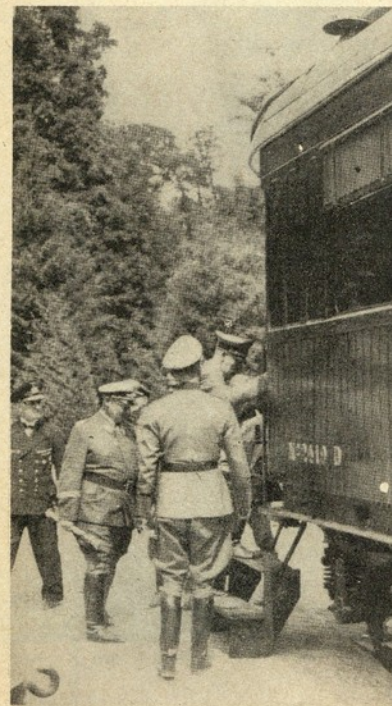
As negociações franco-italianas foram conduzidas do lado francês pelos mesmos plenipotenciários e do lado italiano pelo marechal Pietro Badoglio. A convenção de armistício foi concluída no dia 24 de Junho. As hostilidades cessaram, em todo o território francês, à uma hora e meia da madrugada do dia 25 de Junho.

As condições do armistício assinado com a Itália eram, de uma forma geral, idênticas às que haviam sido fixadas com o Reich. Como a França e a Itália eram potências com interesses fora da Europa, essas condições estabeleciam também o sistema de relações a observar, enquanto não fosse assinado o tratado de paz definitivo, nas regiões onde os dois países tinham fronteiras comuns no continente africano: a Tunísia e a Tripoliânia, por um lado, a Somália e a Etiópia, por outro.

Damos, a seguir, um resumo das principais condições estabelecidas pelo armistício franco-alemão de 22 de Junho de 1940, acompanhando-o dum resumo das condições equivalentes estabelecidas pelo armistício de 11 de Novembro de 1918.

### CLAUSULAS TERRITORIAIS

Nos termos das cláusulas do armistício, o Reich ocuparia, enquanto durassem as hostilidades com a Grã-Bretanha, a parte do território francês situada ao norte duma linha que, partindo da fronteira franco-suíça, em frente de Genebra, devia ter o seguinte traçado: Dole, Paray le Monial, Bourges,



Hitler e Goering subindo para o histórico vagão onde foi assinado o armistício



General Huntziger

Tours, seguindo depois a linha de caminho de ferro que passa por Angoulême, Libourne, Mart Marzan, acompanhando por último o traçado da fronteira franco-espanhola. Praticamente, o direito de ocupação passou a exercer-se aproximadamente em dois terços do território francês e a França dividida em duas zonas incommunicáveis: a zona ocupada, com a capital em Paris, e a zona não ocupada, com a sede do governo em Vichy.

Nos territórios da zona ocupada o Reich passou a exercer todos os direitos duma nação soberana. As autoridades francesas cuja jurisdição se manteve no referido território passaram a receber instruções directamente do comando militar alemão, tendo assumido o compromisso de colaborar com ele. A França assumia, além disso, o compromisso de pagar as despesas a fazer com as tropas alemãs de ocupação, o que ainda não deixou de fazer.

O armistício de 1918 prescrevia, para os alemães, a obrigação de evacuar os países que tinham invadido (Bélgica, França, Luxemburgo) bem como a Alsácia e a parte da Lorena, províncias que tinham sido transferidas para a soberania alemã em consequência da guerra de 1870. Esta evacuação devia estar concluída no prazo de quinze dias, devendo nos quinze dias seguintes os alemães abandonar igualmente os territórios da outra margem do Reno. Estes territórios ficaram submetidos a uma administração local, constituída pelos representantes dos países aliados. As tropas de ocupação aliadas tinham por missão principal guardar as testas das pontes construídas sobre o Reno (Mayence, Coblenz, Colónia) e manter a ordem até uma linha de demarcação traçada a quarenta quilómetros do curso do rio.

As tropas dos países aliados que ocupavam a margem direita do Reno (território alemão) tinham o direito de requisitar os géneros e materiais que considerassem necessários para a sua manutenção e para a realização dos seus objectivos. As outras tropas de ocupação foram pagas pelos alemães. Desta determinação exceptuavam-se apenas as que tinham o encargo de ocupar a Alsácia e a Lorena.

**CLÁUSULAS MILITARES**

O exército francês (forças de terra, mar e ar) seria desmobilizado e desarmado. Ficariam apenas nas fileiras os contingentes considerados necessários para a manutenção da ordem. Posteriormente a comissão encarregada de regular a execução do armistício fixou o montante desses contingentes em cem mil homens. As unidades militares que, no cumprimento do seu dever, se encontravam ainda na zona ocupada seriam imediatamente transferidas para a zona não ocupada. O governo francês assumia a obrigação de entregar intactos todos os canhões, carros blindados, armas anti-carros, aviões, peças anti-aéreas, armas de infantaria, tractores e munições que estivessem ainda em seu poder.

Além disso, as autoridades militares francesas comprometiam-se a entregar aos alemães os planos de todas as fortificações existentes, as que já tives-



O chanceler alemão com o seu Estado Maior, em Paris, após a capitulação da França

sem sido ocupadas e aquelas a que fosse dada a ordem de cessar fogo. Do mesmo modo seriam entregues os planos de localização das minas terrestres, barragem, mechas de retardamento, etc. As autoridades francesas deviam, obedecendo a intenções do comando alemão, proceder à destruição imediata desses engenhos e máquinas explosivas.

Para cumprir as cláusulas do armistício de 1918, o comando alemão entregou aos aliados o seguinte material: 5.000 canhões, sendo 2.500 de artilharia pesada e 2.500 de artilharia de campanha; 25.000 metralhadoras; 3.000 lança-minas; 1.700 aviões de diversos tipos, com a condição de que seriam imediatamente entregues os bombardeiros empregados em vôos nocturnos. O comando alemão assumiu, igualmente, o compromisso de indicar, num prazo de quarenta a oito horas, os planos das minas terrestres e das mechas de retardamento, entregando os planos de localização e auxiliando os contingentes aliados na tarefa da sua rápida destruição. Igualmente se comprometeu a revelar todos os planos que tinha elaborado e que se encontravam em curso, especialmente os que se referiam: ao envenenamento das águas de nascentes e poços.

As cláusulas dos dois documentos foram escrupulosamente executadas pelos vencidos das duas guerras. A diferença estava em que os alemães, em 1918, se encontravam no território dos vencedores que tinham ocupado e organizado e que, em 1940, era no território do vencido que a letra do armistício devia ser cumprida.

**CLAUSULAS NAVAIS E AÉREAS**

A marinha de guerra francesa devia ser concentrada nos portos a designar pela comissão de armistício, imobilizada ou desarmada sob a fiscalização das autoridades navais alemãs ou italianas. Exceptuava-se apenas a parte considerada indispensável para salvaguardar os direitos de soberania da França no seu império colonial, a qual ficaria sob as ordens do governo francês. Em cláusula especial o governo alemão assumia o compromisso de não utilizar, para a realização dos seus objectivos de guerra, a frota de guerra francesa colocada sob a jurisdição das suas autoridades em portos franceses. O governo alemão declarava mais que, na altura em que fosse possível concluir um tratado de paz entre a França e



A primeira sessão conjunta para entrega das condições do Armistício. De pé, o marechal Keitel, A seu lado, o chanceler do Reich. Na foto, vêem-se ainda, Rudolf Hess, o general Huntziger, o almirante Le Luc, o marechal Brauchitsch e Ribbentrop (de costas).

a Alemanha, não apresentaria quaisquer reivindicações em relação à frota de guerra francesa. Os navios de guerra franceses que se encontravam, na altura do armistício, ancorados em portos situados fora do território metropolitano deveriam recolher, imediatamente, aos portos da metrópole. Os que fossem considerados necessários à salvaguarda e defesa do império colonial francês continuariam nos portos coloniais onde a sua permanência se justificasse.

Nos termos do armistício de 1918, o governo alemão comprometia-se a indicar o ponto onde se encontravam e a entregar os planos dos movimentos dos navios de superfície da esquadra do Reich. Quanto aos submarinos (incluindo-se nesta designação os cruzadores submarinos e os navios lançaminas) deviam ser imediatamente entregues com o seu armamento e equipamento completo. A execução da primeira cláusula, relativa aos navios de superfície, devia completar-se no prazo máximo de catorze dias. Os navios entregues nestas condições deviam ser desarmados e internados em portos de países neutros ou de países aliados a designar pela comissão de armistício. A bordo, ficariam destacamentos reduzidos de marinheiros alemães encarregados da guarda e vigilância das unidades a entregar. Os navios de superfície desarmados nas cláusulas navais do armistício de 1918 eram os seguintes: 6 cruzadores de batalha, 10 coraçoados, 8 cruzadores ligeiros e 50 contratorpedeiros. Os restantes navios de superfície seriam igualmente desarmados e entregues aos vencedores. O armistício de 1940 deu o drama de Mers-el-Kebir; o armistício de 1918 deu a tragédia de Scapa Flow.

**A MARINHA MERCANTE**

Nos termos do armistício de 1940, todas as fortificações situadas na costa francesa, tanto na zona ocupada como na zona não ocupada, com o respectivo material, aparelhos e depósitos, deviam ser entregues ao vencedor. Era proibido, até ordem em contrário, que os navios mercantes franceses, de todas as categorias, incluindo as embarcações costeiras, levantassem ferro. O restabelecimento do tráfego marítimo por navios mercantes franceses só podia ser posteriormente autorizado pelas autoridades alemãs ou italianas. Esses navios mercantes, quando se encontrassem em viagem, deviam à ordem do governo do seu país recolher a portos de países neutros. Os que se encontravam em portos franceses, da metrópole ou das colónias, deviam ser entregues intactos.

Os aviões franceses, de guerra ou de comércio, que se encontrassem em território da metrópole ou das colónias, deviam conservar-se nos locais em que se encontravam à data da assinatura do armis-



Hitler e Mussolini encontram-se, depois do colapso da França, para combinarem as condições do armistício.

tiário. Os que não cumprissem esta ordem deviam ser considerados inimigos e como tal atacados e destruídos. Os campos de aviação seriam entregues à fiscalização alemã ou italiana e, em caso de necessidade, destruídos.

Segundo o armistício de 1918, os aliados ficaram com o direito de dragar todos os campos de minas estabelecidos pelos alemães, os quais deviam, para esse efeito, fazer entrega dos respectivos planos. Os alemães comprometiam-se a estabelecer a liberdade de navegação nos estreitos e no Mar Báltico, removendo os obstáculos que naquelas paragens tinham colocado no decurso das hostilidades. Os fortes costeiros, bem como a sua aparelhagem, foram entregues às autoridades dos aliados. Como a Alemanha se apoderara de numerosos navios mercantes de países neutros, para ocorrer às exigências da sua navegação, fez a sua entrega aos legítimos proprietários. Quanto aos navios mercantes pertencentes aos aliados foram entregues, sem reciprocidade. Ficou proibida a transferência de qualquer navio mercante alemão para países neutros, sob qualquer pretexto.

Os aparelhos de aviação alemã que tomavam parte nas operações à data da assinatura do armistício foram entregues aos vencedores. Os outros deviam ser desarmados e concentrados em campos a designar pela comissão de armistício a fim de que os vencedores pudessem tomar conta deles.

**CLAUSULAS ECONÓMICAS E FINANCEIRAS**

Depois da derrota de Junho de 1940, o governo francês assumiu, nos termos do armistício, a obrigação de fazer com que todas as instalações e depósitos militares fossem entregues ao comando alemão. Além disso comprometeu-se a conservar no estado em que se encontravam, à data da cessação das hostilidades, as instalações dos portos bem como os estaleiros, meios de tráfego, vias férreas e fluviais, rede telefónica e telegráfica, etc. No caso de serem necessários trabalhos de reparação, eles seriam custeados pelo governo francês. Este constituía-se garante de todos os objectos e valores considerados necessários pela Alemanha para o prosseguimento da luta, proibindo a exportação ou desvio de todas as reservas monetárias. As destruições que porventura se fizessem seriam da responsabilidade do governo francês e pagas por ele. A transferência de reservas ou valores que de futuro tivessem de fazer-se para assegurar a actividade económica da França, na zona ocupada e na zona não ocupada, ficava sujeita a uma autorização prévia das autoridades alemãs de ocupação. Esta comprometia-se a considerar, para esse efeito, as necessidades vitais da população francesa.

Segundo as cláusulas do armistício de 1918, nos territórios a evacuar pelos alemães não poderiam ser feitas destruições e as instalações militares deveriam ser entregues intactas ao vencedor. O mesmo devia acontecer com o material, viveres, equipamentos, etc., que não tivessem sido levados nos prazos fixados para a evacuação. Nos locais dos territórios evacuados onde se encontrassem deviam ficar os depósitos de viveres destinados à população civil, animais, etc. Não podia também ser tomada pelos alemães qualquer disposição da qual resultasse a depreciação dos estabelecimentos industriais naquelas regiões ou a redução do respectivo pessoal.

Enquanto vigorassem as cláusulas do armistício, o governo alemão não poderia distrair quaisquer valores públicos. O encaixe ouro do Banco da Bélgica seria imediatamente restituído e entregues

todos os documentos, espécies e valores (móveis ou fiduciários) existentes nos bancos que tinham a sua sede nos territórios invadidos pelos alemães. Estes assumiam a obrigação de fazer entrega do ouro levado da Rússia e da Roménia em seguida à invasão destes países, ficando esse ouro confiado à guarda dos aliados.

**OUTRAS DISPOSIÇÕES**

Em matéria de evacuados, prisioneiros e doentes, as disposições do armistício de 1940 eram taxativas. O governo francês comprometia-se a promover a recondução da população que abandonara a zona ocupada, com o consentimento das autoridades alemãs. Os prisioneiros de guerra e os civis alemães detidos em França, compreendendo os presos por terem praticado actos a favor do Reich, seriam libertados sem demora. O governo francês devia entregar além disso todos os alemães, residentes no território da metrópole ou das colónias francesas, que para esse efeito fossem indicados pelo governo alemão. Os soldados franceses prisioneiros na Alemanha continuariam nesta situação até à assinatura do tratado de paz. Os prisioneiros de guerra, os doentes e os feridos que não pudessem ser transportados ficariam confiados à guarda e vigilância do governo alemão. Para isso, o governo francês devia fornecer as listas das quais constassem os nomes desses prisioneiros, doentes e feridos, indicando os locais onde se encontravam.

Nos termos do armistício de 1918, seria feito, no prazo máximo de quinze dias, o repatriamento dos habitantes que tinham sido levados pelos alemães dos países ocupados, no período das hostilidades, incluindo os reclusos, detidos e condenados. Também seria feita a repatriação imediata, sem reciprocidade, de todos os prisioneiros de guerra, incluindo os condenados, subditos dos países aliados e dos Estados Unidos. Estes países poderiam dispor, como lhes aprouvesse, dos referidos prisioneiros. O repatriamento dos prisioneiros de guerra alemães internados na Holanda e na Suíça continuaria a fazer-se. O repatriamento dos restantes prisioneiros seria feito quando se concluísse o tratado de paz. Os doentes e os feridos que, por não poderem ser evacuados, tivessem de permanecer nos territórios abandonados pelos alemães seriam tratados por pessoal alemão que, para isso, ficaria com o necessário material de enfermagem.

O problema da situação dos prisioneiros de guerra, que eram em número muito elevado quando cessaram as hostilidades em Junho de 1940, tem sido tratado por uma comissão especial e constitui, desde então, um dos principais obstáculos à aproximação franco-alemã.

(Continua)



A estátua do marechal Foch — o homem que assinou o armistício de 1918.



(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).

**AQUI JAZEM**  
TODOS OS DENTES

que não têm sido lavados com

**PASTA MEDICINAL Couto**

**PASTAS Hámitas MEDICINAIS**  
captam e destroem os micróbios da boca, só há uma que evita estomatites, mercuriais ou bismúticas

**TRATA: gengivas des-carnadas**

Couto, 144 - Porto  
L. S. DOMINGOS - 106



panorama internacional

## Mudanças de quadrantes

por Francisco Velloso

**D**OR efeito natural da instabilidade dos acontecimentos, só durante a campanha de França e a batalha da Inglaterra de Agosto a Outubro se notou, como neste momento, mesmo sob a face das imparcialidades instáveis, uma diversificação de opiniões e, digamos até de apaixonamentos. Como bússolas em tempestades, os menores movimentos da guerra e a política internacional que a entrecorre, fazem oscilar vibrantemente as impressões. Nesta confusão os rumos verdadeiros perdem-se, as realidades concretas dispersam-se como panoramas de baixo de nevoeiros espessos. O fenómeno verifica-se em qualquer das zonas dos partidos contendores.

No entanto não é difícil reencontrar no desencontrado *dédalo le bout du fil*. Os sucessos ainda não se desviaram. Havia a guerra dos nervos, praticada segundo admiráveis regras de choque psicológico. Agora, são os próprios factos que a fazem no mesmo terreno e com resultados idênticos.

## DEVE E HAVER



WAVELL

No dia 13, em Delhi, o general em chefe da defesa da Índia, Wavell dava balanço de lucros e perdas à situação do Oriente. As segundas continuavam sendo maiores que as primeiras. Cinco dias antes, o governo holandês em Londres ainda negava a rendição que sobrevinha logo depois. Desde o dia 7 que os japoneses haviam entrado em Rangun, previamente arrasada, com as suas instalações industriais.

As declarações do general tomam como ponto de objectivo o anúncio de que a Índia se prepara para enfrentar os invasores e confirma a impreparação e os erros. O escôpo é, porém, o de Churchill e de Cripps:

«Em resumo: não estávamos preparados para a guerra no Extremo Oriente. Só nos poderíamos preparar, retirando forças de pontos mais imediatamente ameaçados, como o Próximo Oriente e a própria Grã-Bretanha, ou não enviando para a Rússia os abastecimentos que lhe permitiriam recompôr-se dos seus reveses.»

Já num telegrama officioso de Java se obterá, antes da capitulação que mais teria valido concentrar naquela ilha e na de Samatra o grosso das forças, de que dispersá-las no esforço inútil da defesa de Singapura. Wavell acrescentou:

«Também na Birmânia, a pesar das circunstâncias adversas, os

nossos soldados souberam lutar com grande coragem. Pouco sabemos sobre a forma como os japoneses explorarão o êxito em novos avanços. São muitos os seus possíveis objectivos, desde as ilhas Hawai à Austrália até à Manchúria, à China, à Índia e a Ceilão. A perda de Rangun e de grande parte do Sul da Birmânia é, sob certos aspectos mais grave do que a de Singapura. Traz a guerra para muito mais próximo da Índia e ameaça as nossas comunicações com a China aliada. Acêrca da Birmânia, pode dizer-se, com a mesma propriedade, o que dissemos sobre Malaca: que não estávamos suficientemente preparados, que os reforços chegaram demasiadamente tarde e que foram, até certo ponto, insuficientes.»

Segundo éle, os aliados perderam por quatro a cinco semanas contra o Japão, tempo a seu ver bastante para transportar reforços. O risco imediato é o de um avanço nipónico pela Birmânia superior, ameaçando a Índia, ou o de tentativas de desembarque em portos, para o que activamente se ordenam medidas de defesa costeira.

No activo aparecem: reforços de aviação, núcleos de resistência em Java e Samatra com quem o governador Van Mook comunica; a entrada dos chineses no Sião até uma profundidade de 160 quilómetros; a Austrália, aonde parecem ter chegado grandes meios de guerra fornecidos pelos Estados Unidos, atirando-se para actos de ofensiva sobre as duas posições que os japoneses lograram alcançar na Nova Guiné; o levante do exército chim; o início da reacção norte-americana; a resistência sem dúvida victoriosa de Mac Arthur nas Filipinas.

O almirante Hart dizia a 9, em Nova Iorque, que a guerra do Pacífico não está perdida. Tojo, anunciando os feitos e intimidando a Austrália, também não foi até afirmar que ela esteja ganha. A situação, expressa por Wavell oscila nestes dois extremos.

## VERSO E REVERSO DUM PROBLEMA



CRIPPS

Assim se explica a descida para lá dos grandes combóios norte-americanos que os japoneses não logram ainda, e somente com dificuldade logriariam impedir. Mas o problema de uma reacção anti-nipónica não surge só por esse lado. O bombardeamento aéreo das ilhas Mareus e os alarmes aéreos em Tóquio indiciam que não devem ser baldos os prognósticos vindos de Washington sobre uma ofensiva americana no Pacífico. Ainda no

dia 13, o secretário da guerra Patterson, confirmando as anteriores declarações do almirante King e do general Marshall, repetia que se preparava a transferência da guerra a território inimigo, embora na sua tática actual de atacar e logo desaparecer, pudesse haver surtidas nipónicas às costas da Califórnia. Isto significa que o derrame da invasão japonesa (mòrmente quando os seus combóios navais começaram a sofrer desbastes) aproxima-se ou está a tocar nos limites em que a vitória e a derrota partem a meio por meio. Nestas condições, até uma punção mais funda na zona desse derrame, desde que fira pontos nevrálgicos de estratégia, pode ériar ao Japão a crise de tódas as dispersões, baseadas em cálculo de que o adversário, tomado de espanto, abata as armas. Há em opinião corrente uma visão invertida do problema, que é necessário pôr a claro e rectificar. Diz-se que ocupadas as ilhas e posições da borda continental asiática pelo Japão, não se sabe como éste será de lá expulso. É ver as coisas ao contrário. O que se não sabe é como éle poderá, diante de um inimigo em força, continuar a tomar essas bases, que têm de ser alimentadas de fora, em combóios susceptíveis de ataques de cada vez maiores, para ampliar estrategicamente as suas irrupções ofensivas.

O trabalho na produção de guerra norte-americana não é agora caso de palavras nem de discursos. Quando naquele país riquíssimo deixam de fabricar-se aparelhos de rádio e automóveis para se fabricar material de guerra, não é, com certeza, porque faltem matérias para fabrico daqueles aparelhos e veículos, senão porque o *yankee* sentiu nas narinas o cheiro da pólvora. Uma estrada de ligação da Califórnia com as bases do Alaska fez-se em poucos meses.

Resta aos aliados e portanto a Wavell a questão política da retaguarda: — a Índia. A Inglaterra já se decidiu a favor da reforma constitucional. Cripps, amigo pessoal de Nehru, vai partir para lá com plenos poderes para procurar compor as discordâncias entre os grupos partidários que retalam e subdividem o grande país. Publicou-se em caixa alta uma declaração de Gandhi, com subentendidos de descrença em título de letras ainda maiores. Mas o que o *mahatma* disse, foi que mantinha as suas simpatias para com a Inglaterra e duvidava somente daquela conciliação. Com efeito, quando o correspondente do *Evening Star* entrevistou, no dia 9, o chefe Nehru, sobre se o facto de os japoneses se encontrarem às portas da Índia não levaria éste país a entrar na guerra, éle respondeu: «Em caso algum nos submetteremos ao invasor. A forma de resistência que poderemos oferecer, será ditada pelas circunstâncias». Quem conhece a Índia, sabe que a questão constitucional não pode afectar as preparações militares. O mesmo chefe indú saudável a coadjuvação

da resistência e de uma reacção australiana para a defesa da Índia. O entendimento com a China está feito. Chan-Kai-Chek continua, pela nova via de comunicação, a receber os reforços materiais de que carece, o que mostra como o corte do «Caminho de Mandalay» pelos nipões redundou em golpe falso. O ponto de vista de Londres e Washington é portanto, até agora, conforme a reacção dos factos.

Havia inicialmente quem asseverasse que a guerra do Pacífico tolheria, pela absorção de meios, os aliados na sua acção na Europa. Podemos já concluir que assim não foi, e que a guerra e a política internacional não se modificaram na sua equação. E ver-se-á mais tarde, que é éste o ponto crucial do debate.

## SOB O OLHAR DE HITLER



LYTTLETON

O bloco sul-americano enrijece a olhos vistos. As manifestações populares no Brasil contra o *Eixo*, repercutidas no Uruguai, o confisco de bens italianos, alemães e japoneses como represália dos afundamentos de navios brasileiros, colocam aquela nação no polo oposto — inteiramente oposto, note-se bem — de políticas do velho continente, afastam neste momento, ainda mais, a América da Europa. Não parece, pois, que por ali possa ser tentada a prenunciada reacção germânica, que apenas contará a seu favor com as chances eventuais da guerra submarina contra os combóios de abastecimento que dão volta à África, e os que pelo Atlântico norte mantêm as retaguardas britânicas e russas em material, alimentos e tropas. Novos contingentes americanos estão a desembarcar na Irlanda, desta vez sem os especiosos protestos de Dublin.

O quadro dessa reacção alemã circunscreve-se, pois (incluindo a defesa costeira do norte da Europa), ao leste europeu e, como temos dito, ao Mediterrâneo.

No leste europeu, contra previsões precipitadas, e a despeito da vigorosíssima resistência alemã, a ofensiva moscovita ainda não dá mostras de perder o ritmo. Há dias no comunicado russo apareciam números de divisões acumuladas ao sul e ao centro da frente (110 neste e 120 naquele) que não podem traduzir apenas o empenhamento dos combates, mas uma mobilidade de linhas de retaguarda muito de considerar. E se éste ritmo se conserva, é de prever inevitavelmente que pode não se suscitar para breve o momento da projectada irrupção alemã, mòrmente se, às dentadas, o adversário de Hitler, como Foch contra Ludendorff, carcome efectivos destinados ao grande golpe alemão, sãbiamente preparado numa mobili-

(Continuá na pág. 12)



O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO cumprimentando o sr. ministro da Itália após as exéquias celebradas na igreja de Nossa Senhora da Loreto por alma do Duque de Aosta, primo do Rei Victor Manuel.



O CHEFE DO GOVERNO, durante as exéquias, com os srs. general Amílcar Mota, em representação do sr. Presidente da República, ministro da Marinha e sub-secretários das Corporações e do Comércio e Indústria.



O EMBAIXADOR E A EMBAIXATRIZ de Espanha e o ministro da Alemanha durante as exéquias na igreja do Loreto.



A REVISTA QUE MAIS SE LÊ NA EUROPA  
 Arte — Ciência — Actualidade — Teatro — Cinema — Modas — Desporto  
 Nove. — Curiosidades  
 48 páginas profusamente ilustradas — Páginas a cores  
 Edição em língua portuguesa; Esc. 2500 cada exemplar  
 À venda o n.º 5 em todas as Livrarias, Tabacarias e postos de jornais  
 Pedidos de assinaturas aos distribuidores:  
 AGÊNCIA INTERNACIONAL — 119, Rua de S. Nicolau

UM GRANDE ÊXITO!

O NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO

“DO DIÁRIO DE JOSÉ MARIA,”

EDITORES:

**VIDA MUNDIAL** — Rua Garrett, 80-2.º

DISTRIBUIDORES GERAIS:

**AGÊNCIA INTERNACIONAL** — R. de S. Nicolau, 119-2.º

**LISBOA**



**APYROL**

CONTRA TODAS  
 AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É  
 UM PRODUTO MEDICINAL

A venda na Farmácia  
 Estácio — Rossio e em  
 todas as boas farmá-  
 cias e drogarias

# Imagens pitorescas do Mundo

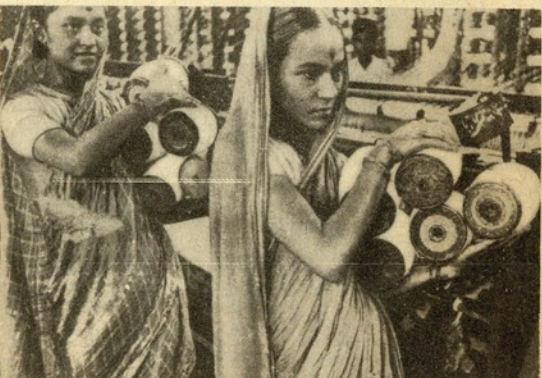


**UMA ESTRANHA TAREFA**  
Japonesas que se empregam na caça de caracóis e lesmas



**UMA FAMÍLIA FELIZ** — O pequeno Wheelies Stewart, de Nova-York, tem três meses de idade e uma família como pouca gente. Com ele, estão na fotografia os seus pais, os seus quatro avós e quatro bisavós.

**O LEITOR SERÁ CAPAZ DE FAZER ISTO?** Trata-se duma habilidade espantosa de sr. Verne Johnson, de Roanoke (Estados Unidos da América) e consiste em vestir um colete depois do casaco pôsto e, bem entendido, sem o tirar. O caso descrito nas fotos, de 1 a 5, com todos os pormenores, pode elucidar o leitor que se sintia tentado a imitar o nosso amigo americano. Recomendamos-lhe, porém, que, se não acertar às primeiras, não reincida. E que pode rasgar o casaco, se não tiver a habilidade do sr. Johnson...



**PARADÓXOS DA GUERRA**  
Hindús de Bombaim, votadas aos cânticos e à dança, empregam-se agora numa fábrica têxtil, trabalhando para a indústria britânica de guerra.



**QUE NOS DIZEM DESTE EXTRAORDINÁRIO EQUILIBRISTA?** Nada mais, nada menos que equilibrar cinco ovos sobre o gume duma faca segura nos dentes! E ainda se prepara para colocar mais um sobre os cinco! Simplesmente, tudo isto é um «truc» fotográfico do sr. Homer Gould Júnior, da Califórnia, revelado por um jornal americano. O homem tem a faca nos dentes, lá isso tem. Mas os ovos é que foram todos fotografados à parte, a um por um!... No entanto, a composição fotográfica é primorosa.

# FALA-SE ESTA SEMANA DE...

## FERNANDA DE CASTRO



Grande poetisa, fina sensibilidade de artista e de mulher, cujo último livro, «Trinta e nove poemas», constituiu um justificadíssimo êxito literário. Dêle disse um crítico: «Percorrer este último livro de Fernanda de Castro é seguir na esteira da sua inquietação; mas é, sobretudo, viver o espectáculo magnífico da esperança que vibra e canta em cada um dos seus versos. Na realidade, é no optimismo, na esperança, na alegria, que vamos encontrar a melhor definição da poesia de Fernanda de Castro. E a contínua certeza de que tudo amanhã será melhor — a vida, o amor, o próprio Sol mais brilhante, o prego mais alacre a viver na rua animada como nunca»...

## MAURICIO DE OLIVEIRA



Jornalista, escritor, impulsor de grandes iniciativas editoriais, cujo último livro sobre «As duas batalhas de Matapan» veio confirmar os seus extraordinários conhecimentos de assuntos navais, aos quais se tem dedicado com grande estudo e saber. Esta obra, em que se relatam, com grande verdade histórica e numa descrição emocionante, as duas batalhas navais do Cabo Matapan — a de 1717, em que teve glorioso papel a armada portuguesa, e a de 1941, entre as esquadras inglesa e italiana — é mais um êxito a juntar aos das obras já publicadas de Mauricio de Oliveira.

## LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES E JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS



Dois jornalistas — o primeiro, conhecido humorista e escritor teatral; o segundo, chefe da redacção do jornal «República», e cuja estreia no teatro se registou agora auspiciosamente — autores do novo original português «Minha mulher é um homem», em representação no Teatro Avenida. A peça, inspirada numa novela de Mary Love, foi muito bem recebida pela crítica e pelo público, e teve uma interpretação primorosa por parte da nova Companhia de Comédias, à frente da qual se encontram os distintos artistas Brunilde Júdice e Alves da Costa.

## CORONEL ROBERT SOLKORG



Figura em evidência no Exército norte-americano que, recentemente, chegou a Lisboa, a bordo dum «Clipper» para exercer, ao lado da coronel Shipp, o cargo de adido militar adjunto dos Estados Unidos na legação deste país. O coronel Robert Solkorg, que foi aluno distinto das melhores academias militares da América do Norte, estava actualmente a desempenhar um lugar de relé no Estado Maior do exército norte-americano, para o qual havia sido nomeado recentemente pelo general Marshall.

zação monstro que está a fazer-se na Alemanha.

Contar-se com um eventual ataque japonês no Oriente, contraria do mesmo passo a realidade das coisas japonesas no Pacífico, cujo verso e reverso apontamos — a qual não dá evidentemente ao Japão os meios para uma aventura contra o milhão e meio de homens do marechal Blucher, sustentada ao mesmo tempo da guerra no sudoeste de aquele mar — e excede a perspectiva que Wavell, na sua já citada entrevista traçou com a sua habitual lucidez: «Enquanto estiver em luta com a Alemanha, a Rússia não atacará o Japão, a não ser que este a ataque ou os seus preparativos façam supor à Rússia que está para ser atacada.»

Oliver Lyttleton, o novo coordenador da produção britânica, ao regressar do Médio Oriente, declarou à Reuter que a Alemanha podia encarar apenas para uma ofensiva a Turquia e o Egipto. Em Ankara repete-se a decisão de manter a neutralidade, mas admite-se um assalto alemão ao Médio Oriente, radiando sobre o Cáucaso e a Ásia Menor e, enfrentando ao mesmo tempo a Rússia com 100 divisões em defensiva. A Bulgária, passada a regime ditatorial como a Hungria (onde a demissão de Bardossy marca uma mudança de quadrante na opinião popular, mais ao lado do regente Horthy) fornecerá reforços para um e outro caso.

Mas cem divisões chegam na frente leste?...

Esta interrogação rebate no futuro de toda a guerra na Europa.

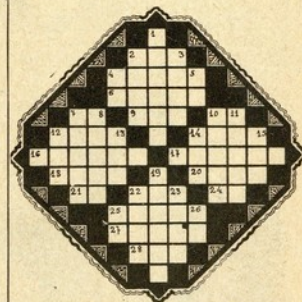
A batalha no norte de África estagnou. As relações dos aliados com Vichy tornaram-se ásperas. Ao ouvir falar de que, em Madagascar,

poderia reproduzir-se o caso da Indochina, Smuts acudiu logo a desfazer equívocos. Nessa hipótese a África do Sul apareceria a defender o continente contra uma invasão nipónica. Os bombardeamentos ingleses às fábricas francesas em laboração para os alemães continuam. No dia 11, rumorejava-se que Darlan ia entregar à Alemanha 40 navios que estavam em construção à data do armistício. Até hoje, a posição de Vichy tem-se mantido graças às condescendências de Londres e Washington. É lícito perguntar o que sucederá quando elas cessarem, e um dia surdir nalgum ponto da costa uma testa de ponte com tropas anglo-americanas. Na evolução que levam os acontecimentos, este não é certamente dos mais inverosímeis...

15-3-1942

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 16



J. Pessoa P.

## Os DENTES só nascem duas vezes

Defendê-os desde a infância com



## PARGIL

(Produto medicinal)

**PARGIL**, duma fórmula complexa que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação, é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

**PARGIL** não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

**HORIZONTAIS:** 2 — Casal. 4 — Conselheiros. 6 — Tenacidade. 7 — Ruim. 9 — Mestre. 10 — Esquadrão. 12 — Administração. 14 — Canhão. 16 — Abria mina. 17 — Estremecias. 18 — Líquido que se separa do leite coagulado. 20 — Não espesso. 21 — Batráquio. 22 — Oceano. 24 — Singular. 25 — Sincero. 27 — Qualquer pó. 28 — Tâmulos.

**VERTICAIS:** 1 — Prisão. 2 — Santo Padre. 3 — Suplico. 4 — Além. 5 — Solitário. 7 — Mais moço. 8 — Apreciará. 10 — Profissão militar. 11 — Insolente. 12 — Lírio. 13 — Eternidade. 14 — Defender. 15 — Punho. 19 — Chefe. 22 — Ocasião. 23 — Limite. 25 — Entre nós. 26 — Longe.

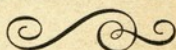
Soluções do problema n.º 15

**HORIZONTAIS:** 1 — Câmara. 2 — Cama; Ave. 3 — Pata; Osias. 4 — Tã; Anã; Tã; Ar. 5 — Sisa; Ar; Amor. 6 — Lampião; Empata. 7 — Ar. 8 — Vã. 9 — Osmose; Martela. 10 — Sais; Be; Amar. 11 — Rã; Rã; Ira; Ar; 12 — Ruela; Aves. 13 — Ima; Asia. 14 — Asilar.

**VERTICAIS:** 1 — Cã; Ap; Pos; Uli. 2 — Pasmio; Miar. 3 — Tia; Asar. 4 — Stavos. 5 — Cata; Ir; Rema. 6 — Amãnhã; Debelas. 7 — Mã. 8 — Al. 9 — Rastrea; Atrasa. 10 — Avia; Ir; Avir. 11 — Ea; Apa; Tã; Ea. 12 — Sama; Tamas. 13 — Róta; Lar. 14 — Rrear.



NA RUA DO CARMO, 17 e 19, inaugurou-se agora um novo estabelecimento, um elegante Salão de Chá, no local onde, durante anos, esteve uma acreditada casa de móveis e de papéis pintados — a «Casa Aguiar» — cujas instalações mudaram agora para a rua Pedro Álvares Cabral, 8 a 12.



O NOVO SALÃO DE CHÁ «AGUIAR», situado no porto mais concorrido de Lisboa, tem, além do seu esmerado serviço de chá e cafés, secções de «charcuterie», restaurante e pastelaria — esta sob a competente direcção dum mestre pasteleiro de 1.ª categoria, que já deu magníficas provas nas melhores casas da especialidade.



O AMBIENTE DO NOVO SALÃO DE CHÁ é o mais agradável possível. As suas instalações, com uma acentuada cunho artístico, têm merecido os melhores louvores da sua selecta frequência. Este estabelecimento passará a ser, sem dúvida, o preferido pela nossa melhor sociedade.



A CANTORA BRASILEIRA Nair Duarte Nunes no recital recentemente realizado no Sindicato dos Músicos, acompanhada ao piano por Regina Cascais.



A SR.ª DR.ª D. CÂNDIDA FERREIRA fazendo no Sport Algés e Daíundo uma conferência do ciclo cultural de divulgação.



O MINISTRO DA BELGICA EM LISBOA entregando um objecto de arte a um dos tripulantes do pesqueiro português «João Côrte Real» que, recentemente, recolheram quatro naufragos do navio belga «Gandia». A recepção aos tripulantes do «João Côrte Real» efectuou-se no «British Seamen's Institute».

# B.B.C.

A VOZ DE LONDRES

Fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
13.15	Noticiário	G R Z 13,86 m. (21,64 mc/s)	
		G R U 31,75 m. (9,45 mc/s)	
13.30	Actualidades	G R V 24,92 m. (12,04 mc/s)	
22.00 (*)	Noticiário	G R X 30,96 m. (9,69 mc/s)	
		G S B 31,55 m. (9,51 mc/s)	
22.15 (*)	Actualidades	G R T 41,96 m. (7,15 mc/s)	

(\*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.



DOIS ASPECTOS DA VISITA DO SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR ao forte de Almada. Em cima, com o comandante do forte; em baixo, com o sr. sub-secretário de Estado da Guerra e outras altas personalidades militares.



DIA E NOITE...  
Os inigualáveis cremes de beleza

## Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

**M. ME CAMPOS**



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA  
LISBOA - RIO DE JANEIRO

## ESTÃO VERDES...



— Vê se vais arranjar de comer, pois estou a cair de fraqueza. Se não arranjares nada, morreremos de fome.



— Esta árvore deve ter tâmaras. — Então sobe e traz uma arroba delas, senão estamos tamarados.



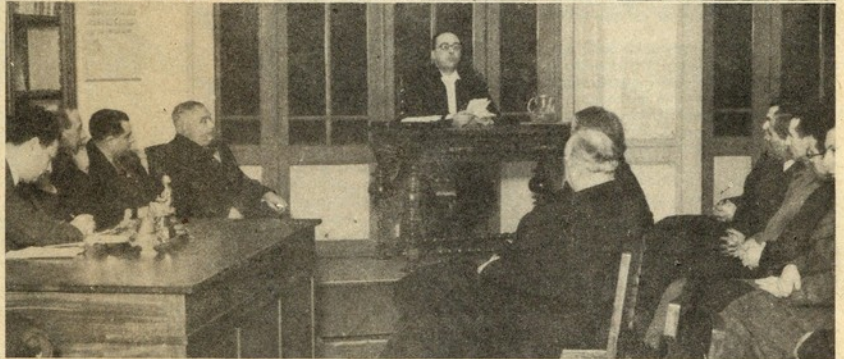
— Que bonitos papagaios. Bem não parecia a mim que ouvia falar baixinho. A respeito de tâmaras, é que não há nada que preste.



— Olha, filho, as tâmaras ainda não estão maduras, mas havia lá em cima um casal de papagaios. — Porque não os trouxeste?! — Porque também ainda estão... verdes!

Por Stuart Carvalhais

# Vida PORTU GUESA



1—O sr. comandante Freitas Morna tomando posse do cargo de governador geral de Angola, perante o sr. ministro das Colónias. 2—O sr. dr. Alfredo de Magalhães, presidente da Casa da Imprensa e do Livro, do Pôrto, com o sábio arqueólogo Abade de Baçal que ali foi fazer uma conferência sôbre a obra do rev. Martins Capela. 3—O escritor sr. Joaquim Paço de Arcos fazendo, no Circulo Eça de Queiroz, a sua conferência subordinada ao título «Estados Unidos — 1942». 4—O sr. dr. António Meliço Silvestre, professor de Higiene da Faculdade de Medicina de Coimbra, proferindo no Clube Fenícios Portuenses, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, uma palestra sôbre «A alimentação e a saúde». 5—Aspecto do almôço comemorativo do 32.º aniversário do clube União Lisboa, promovido por um grupo de sócios e presidido pelo sr. Major Flávio dos Santos, que tinha à sua direita os srs. José António Pires e Alberto Marques e à esquerda os srs. Manuel Quaresma e José Baptista Alves.



# A ESFERA MISTERIOSA

## Grande romance policial do escritor americano

**Max Felton**

Especial para *Vida Mundial Ilustrada*

(Continuação dos números anteriores)

CAPÍTULO XIII

**T**INHA-O ali, na sua presença, e ainda lhe parecia um sonho. Decididamente, a sorte principiava a sorrir-lhe. Crisnam Raicar entrava-lhe pela porta dentro, quando menos o esperava, e sentava-se muito delicado, no «maple» que Charles Read logo lhe oferecera, todo afabilidade para com um visitante que considerava bem vindo.

— Sabe — disse o polícia, sem poder reprimir o seu contentamento — o seu caso parece-me bem encaminhado. É possível que lancemos a mão à bola de aço em menos tempo do que seria para esperar. O mesmo já não posso afirmar quanto à autora do crime, a pessoa que assassinou o seu criado.

O indú fez um gesto que exprimia desinteresse pela última parte do assunto.

— A única coisa que me interessa é a esfera — disse ele. — Ao pobre criado já não podemos restituí-la a vida, infelizmente. Por isso só a esfera me interessa agora. O senhor nem pode imaginar a falta que ela me faz.

— Imagino, creia! — acudiu o polícia. — Sei mesmo o que a esfera representa para o senhor. Possivelmente, terá mais valor para si do que a fórmula.

— A fórmula! — exclamou, admirado, o indú, como se não compreendesse bem o que o «detective» queria dizer.

Charles Read sorriu e pronunciou: — Acho que é preferível sermos francos um para o outro. Este jogo de escondidas em pormenores do caso só pode prejudicar as minhas investigações e, portanto, prejudicá-lo ao senhor.

Crisnam Raicar ficou, um pouco enleado, a fitá-lo sem proferir palavra. Dir-se-ia não lhe agradava a linguagem do seu interlocutor. Decorrido um longo instante de silêncio, disse na sua voz suave de pronúncia adocicada:

— Eu, afinal, ainda não sei o que é que o senhor conseguiu apurar.

— O paradeiro da bola de aço! — exclamou o polícia. — É o que eu já apurei. Sei onde se encontra a bola de aço!

O indú soergueu-se do «maple» impellido por uma grande comoção.

— É extraordinário! — exclamou ele, por seu turno. — Ah! Não foi desmentida a fé que pus nas suas faculdades, «mister» Read!

Tornou a descansar o corpo magro no «maple» fofo, enquanto o polícia dizia, esfregando as mãos num irreprimível contentamento:

— Creio que melhor novidade não poderia o senhor esperar.

— Isso é verdade — concordava Raicar. — Isso é verdade. E a esfera já se encontra em seu poder?

— Ainda não — respondeu o polícia. — Por enquanto, apenas sei onde ela se encontra. Falta-me apenas arranjar uma maneira lícita de a arrebatá-las das mãos que a detêm.

— Mas se ela me foi roubada! — acudiu vivamente o indú. — Creio que um objecto roubado se pode apreender...

— Assim é, realmente — voltou o «detective». — Mas eu não posso chegar-me ao seu actual detentor, que é pessoa de respeitabilidade, e que não foi com certeza quem directamente a roubou, mas apenas quem arranjar de

bod-lé a comprou ao verdadeiro ladrão, e arrancar-lha das mãos, sem mais explicações. Tenho que provar-lhe claramente que não a comprou ao legítimo dono, demonstrar-lhe que foi praticado um roubo e, se for possível, apresentar o gatuno, único responsável do lógro em que ele e o senhor caíram.

Crisnam Raicar escutava atentamente estas explicações que pareciam agradar-lhe pouco.

— Eu sinto-me com todo o direito a reivindicar a posse desse objecto que me pertence — pronunciou ele, sombriamente.

— Evidentemente — anuiu o polícia — mas é preciso fundamentar esse direito. E é por isso que eu considero

inglês pensaria de maneira idêntica, apesar de ser detentor da fórmula.

— Creio — disse o polícia — que não será difícil, por meu intermédio, o senhor chegar a um entendimento com o actual possuidor da esfera. As coisas, conduzidas com habilidade, têm todas as probabilidades de êxito. O senhor precisa da esfera, mas o seu possuidor talvez ainda precise mais dos seus serviços...

— Dos meus serviços!... — estranhou o indú.

— Sim, dos seus serviços — confirmou, cautelosamente, o polícia. — E eu pensei que, troca por troca, o senhor prestar-lhe-ia êsses serviços, pelos quais ainda se poderia cobrar larga-

— Não se trata de John King?... — perguntou, a medo, o indú.

Coube a vez ao polícia de esboçar um gesto de grande surpresa. Compreendeu a confusão. Enquanto ele falava com o pensamento em George Marly, o seu interlocutor supunha que se referia a John King, por meias palavras. O indú suspeitava do milionário. Embora da primeira vez que o visitara, evitasse confessar as suas suspeitas por alguém, a verdade é que ele involuntariamente acabava de revelar estar convencido de que a esfera de aço fora parar às mãos do pai de Maud. Ignorava certamente que Judy tivesse negociado a bola com o inglês.

— Então, as suas suspeitas recaem sobre John King? — inquiriu o «detective».

O indú talvez já estivesse arrependido de ter posto tanto a descoberto o seu pensamento, porque respondeu:

— Não, eu não suspeitava. As suas palavras é que me levaram a pensar nêlo. Como o senhor há pouco me falou numa pessoa de respeitabilidade...

— Mas há mais pessoas de respeitabilidade a quem a esfera de aço deva interessar. Aliás, como o senhor muito bem disse, pensando que eu me referia a «mister» King, não foi a êle que vendeu uma fórmula...

— Pois, não...

— Foi a «mister» George Marly.

— E é Marly que está de posse da esfera! — exclamou Raicar, erguendo-se lívido do «maple» e fazendo, muito agitado, alguns passos no aposento. — A esfera está nas mãos de Marly!... Oh! meu Deus!... Como estas coisas se engendram!

O polícia observava-o com um mixto de surpresa e desconfiança. Por que havia de perturbá-lo tanto uma notícia que até lhe devia ser grata? Havia ali um mistério que Read não conseguia penetrar.

Crisnam Raicar foi, por fim, deixar-se cair de novo no fundo do «maple». Charles Read daria, nesse momento, uma fortuna, para conseguir espreitar a alma do visitante. Gostaria de saber o verdadeiro motivo porque o indú se mostrava tão perturbado.

— O senhor não está em boas relações com Marly? — perguntou ele, tentando adivinhar-lhe os pensamentos pela expressão transtornada do rosto.

O indú respondeu, numa evasiva: — Estou, lá isso estou... Estou em boas relações...

— Então, mais uma razão para confiarmos em que êle lhe entregue a esfera, desde que saiba que lhe foi roubada — disse o «detective». — Creio que Marly não terá dúvidas de que êsse objecto lhe pertence a si, mais do que a qualquer outra pessoa...

— Penso precisamente o contrário — redarguiu Raicar. — Eu conheço o temperamento de Marly. Seria capaz de dar a esfera a toda a gente, menos a mim. Proponho mesmo, para que o seu trabalho seja coroado de êxito, não lhe revelar a proveniência da esfera, nem sequer lhe falar na minha existência.

— Mas George Marly manifestou interesse em encontrá-lo — informou Read.

— A mim?! — pronunciou o indú, cheio de espanto. — Por causa da esfera?



Creio que não terá agora dúvida em aceitar um cheque

providencial a sua visita hoje, que, confesso, não esperava. O meu ajudante deve andar, a esta hora, à sua procura por toda a parte, porque, não sei se recorda, eu não liquei com o seu endereço. Precisamos de trocar impressões sobre o assunto. Neste momento, um gesto precipitado da nossa parte pode fazer com que a esfera se suma de vez.

O indú empalideceu ao escutar as últimas palavras.

— Se a esfera desaparecesse — disse êle em voz sumida — seria um desastre para mim...

Charles Read não pôde deixar de pensar com ironia que John King se exprimia do mesmo modo, por lhe falta a esfera e que, provavelmente, o

mente, e êle devolver-lhe-ia a esfera que legitimamente lhe pertence.

O indú quedou emudecido, a olhá-lo, intrigado.

— Mas que espécie de serviços poderei eu prestar a êsse homem? — acabou êle por perguntar.

— Ora, o senhor bem sabe — acudiu o polícia, em tom conciliador. — A fórmula que lhe vendeu não está, ao que parece, completa. As experiências que êle fez, umas vezes deram resultado satisfatório, outras, não.

— Mas... Mas... — titubeou Crisnam Raicar — eu não vendi fórmula alguma a essa pessoa... Se é quem eu suponho...

— Mas de quem supõe o senhor estar eu falando? — inquiriu Charles Read.



— Não; por causa da esfera, não — acudiu o polícia. — Nem sonha esquecer que o senhor a procura.  
— Então, porquê? — inquiriu, com um suspiro de alívio, Crisnam Raicar.  
— Por causa da fórmula. E ou não verdade que o senhor lhe vendeu uma fórmula da sua invenção referente a uma nova liga de aço muito mais resistente do que a vulgar?  
— É — respondeu o indú, em voz sumida.

— É ou não verdade que Judy Gordon foi intermediária nesse negócio?  
— É — confirmou Raicar.  
— É ou não verdade que Judy lhe roubou a esfera de aço?  
— Sim, mas muito depois de Marly ter partido para Inglaterra — informou o visitante. — Eu supunha, embora não tivesse a certeza absoluta, que Judy tinha dado ou vendido a esfera a John King. Foi isso, pelo menos, que ela me disse.

— Ah! — exclamou Charles Read. — O senhor ainda falou a Judy Gordon, depois de ela ter assassinado o criado e furtado a esfera!

— Sim, ainda lhe falei por duas vezes — confessou em voz sumida o indú.  
— Eu sabia que era ela a assassina e a ladra... mas pensava que agia apenas por sugestão de King. Foi eu que guardei a madeixa de cabelos que ela deixara nas mãos da vítima, para a não comprometer. A vida do criado importava-me muito menos do que a esfera. Um criado substitui-se por outro criado, aquela esfera é que não se pode substituir por outra.

Read continha, a respiração ao escutar tão estranhas declarações, que o indú fazia em voz precipitada, como

se já as não pudesse guardar por mais tempo no seu íntimo. E simultaneamente perguntava a si mesmo como fóra possível, a esfera ir parar às mãos de Marly, depois d'êla já ter abalado para Inglaterra. Só podia admitir uma hipótese: Judy depois de vender a esfera a John King, furtou-lha em seguida e desapareceu, deserto para ir vendê-la a Marly, em Inglaterra.

— Fiz todo o possível por salvar Judy da prisão — dizia Crisnam Raicar. — Eu amava essa mulher, embora reconhecesse a sua grande levandade. Sabia que assassinará o pobre criado, que furtará a esfera. Calculei que a negociasse com John King. E deixei-me confessar-lhe: insinui-lhe que a furtasse ao milionário para me restituir. Em troca, dar-lhe-ia tudo quanto ela quisesse. Sim, porque eu, uma vez de posse da esfera, estaria apto a satisfazer-lhe todos os appetites. E ela, esquecendo miseravelmente que eu a salvara da cadeira eléctrica com o meu silêncio sobre o seu crime, desapareceu, deixando-me sem a esfera. Mas eu perdoo-lhe tudo. O que queria era reaver a esfera que julgava na posse de John King.

— Pois quem a tem é George Marly — esclareceu o «detective». — John King comprou-a efectivamente por seiscentos mil dólares a Judy Gordon; mas pouco tempo depois não a encontrou no local onde a guardou. Ele não afirma que tivesse sido Judy a autora do furto. A verdade, porém, é que a esfera lhe faltou e Judy desapareceu.  
— Nesse caso — acudiu Crisnam Raicar, com um estranho brilho no olhar — John King julga-se com direito à posse da esfera, não é verdade?  
— Evidentemente.

— Óptimo! — exclamou o indú. — A sorte parece querer agora favorecer-me. E preciso restituir quanto antes a esfera a John King.

Charles Read olhava-o sem compreender o alcance das suas palavras.

— Sim — repetia o indú com entusiasmo — é preciso que a esfera volte quanto antes à posse de King.  
— Mas, para quê, se o verdadeiro dono dela é o senhor? — exclamou o «detective».

Raicar esboçou um sorriso subtil e disse:

— É que, depois, o senhor provará facilmente a John King que a esfera me foi roubada, e êle não terá outro remédio senão restituir-me-a.

— Mas porque não havemos de reclamá-la directamente a Georges Marly?

— A êsse, não! — atalhou o indú. — Não quero mesmo que êle saiba que sou o verdadeiro dono, ou que a reclamo. Não quero conversar com êsse homem.

Charles Read via qualquer coisa de obscuro na reticência que Raicar mostrava em entrar em contacto com o inglês.

— O senhor pode ter a certeza — asseverou o oriental — que, se proceder de maneira a que Marly suspeite que eu sou o proprietário da bola, nunca mais a rehavemos, nem eu, nem King. O caso é muito melindroso. Proceda com subtilidade e triunfará. Uma indiscrição da sua parte lançará tudo por terra.  
Mudou, depois, subitamente, de tom, voltando à sua maneira polida de falar.

— Creio, «mister» Charles Read, que não terá agora dúvida alguma em aceitar um cheque de dez mil dólares por conta dos seus honorários.

— Como queira — disse o polícia, enquanto o indú sacava da sua carteira e lhe entregava o cheque que já trazia preparado e assinado.

— Deixo-lhe também o meu endereço — acrescentou Raicar, dando-lhe um cartão de visita, delicadamente dobrado em dois. — Quando precisar de mim, é só telefonar-me. Estou inteiramente ao seu dispor... E agora, dê-me as suas estimáveis ordens.

Estendia-lhe a mão magra e pequenina, que o polícia apertou com força, acompanhando-o à saída.

No limiar da porta, ainda Crisnam Raicar recomendava:

— E sobre a minha pessoa, nem uma palavra a Marly. Eu não existo...  
«Saia, deixando Charles Read bastante preocupado. O caso da esfera

estava mais do que esclarecido no seu espírito: fóra furtada por Judy a Raicar, vendida a John King e depois furtada a King para ser vendida, em Inglaterra, a Marly.

Já quasi se podia considerar aliviado do mistério da bola de aço. Ficava-lhe agora mais tempo livre para procurar o paradeiro de Dorothy, a pobre Dorothy que talvez pensasse naquele momento que êle estaria já a percorrer toda a América á sua procura.

A porta abriu-se com estrépito, e Jack Harman penetrou no gabinete, como uma bola.

— Que aconteceu? — inquiriu o «de-

tective», assombrado com a sua atitude.

— Que aconteceu?! — repetiu Harman, numa grande excitação. — Aconteceu que a bola de aço, afinal, é de prata!

Charles ficou mudo de espanto e pregado no solo como se lhe faltessem todas as forças, de repente.

O edificio das suas deduções desmoronava-se, como aquêle pomenor tão simples: a bola não era de aço, era de prata.

(Continua)



O SR. GENERAL CARMONA com os membros do Supremo Tribunal de Justiça após o apuramento final das eleições ultimamente realizadas. O Chefe do Estado foi reeleito pela Nação por 966.821 votos.

**BRILHO NO NARIZ**  
*Evita-se*  
COM...

**MOUSSINE D'ARGY**  
PO DE ARROZ ATOMISADO

Nada há mais arreliento que o lustro da nariz, motivado pela sudção ou qualquer outra causa epidémica. Os póis de arroz vulgares, de grão embora minúsculo, além de empastarem com facilidade, causam a dilatação dos poros numa acção lenta e invisível que só vêm a mostrar os seus efeitos às vezes anos depois. MOUSSINE D'ARGY é o pó de arroz reduzido a átomos, partículas imponderáveis que o tornam tão leve que flutua no ar como diáfana nuvem. A sua finura é tal que ninguém dirá que se usa pó. Além de atomizado por um processo secreto e patenteado, MOUSSINE D'ARGY é vitaminado, isto é, contém ainda os poderes estimulantes dos produtos do Dr. Charpy, as vitaminas alimentares da pele.

MOUSSINE D'ARGY, em artísticas caixas — modelos de Paris — prepara-se em tons para todas as nuances de pele.

# VIDA MUNDIAL

## OS MELHORES ARTIGOS DOS MELHORES JORNAIS

**Vida MUNDIAL** Illustrada

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.ª — Lisboa — Tel. 25844 Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.ª — Telefone 2 6942.

— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

### QUEM ROUBOU? ONDE ESTÁ? QUE CONTÉM?

Até ao próximo dia 31, todos os leitores da «Vida Mundial Illustrada» e do nosso folhetim policial «A Esfera Misteriosa» têm uma oportunidade para pôr à prova as suas qualidades de sagacidade e perspicácia.

Acompanhando a leitura da obra de Max Felton, todos podem tomar parte num curioso concurso. Basta que, até ao próximo dia 31 nos mandem, em carta fechada, as respostas a estas três perguntas ligadas com a acção do romance:

- 1.ª — Quem roubou a esfera misteriosa?
- 2.ª — Onde está a esfera misteriosa?
- 3.ª — Que contém a esfera misteriosa?

Os leitores que acertarem com as respostas ficam habilitados a três prémios, a atribuir da seguinte maneira:

- 1.º prémio — A quem acertar com as três respostas.
- 2.º prémio — A quem acertar com as respostas a duas das perguntas.
- 3.º prémio — A quem acertar com a resposta a uma das perguntas.

1.º PRÉMIO — UMA VALIOSA COLECCAO — NOVE VOLUMES — DOS ROMANCES POLICIAIS E DE AVENTURAS DO PRINCEPI SAVIL, DA AUTORIA DO GRANDE ESCRITOR AMERICANO JOELSON.

- 1 — O rapto de Miss Damby.
- 2 — Os forçados da ilha sem nome.
- 3 — Um crime nas ruas de Nova-York.
- 4 — O tenebroso mistério do Bairro Chinês.
- 5 — A mulher jogada aos dados.
- 6 — A história sem nome dum homem sem pernas.
- 7 — O clube dos «gangsters».
- 8 — Um grito no 65.º andar.
- 9 — A dança do sabre.

2.º PRÉMIO — UMA DAS MELHORES OBRAS DO GRANDE ESCRITOR INGLÊS EDGAR WALLACE. — O INTRIGANTE (THE MIXER). Um livro assinado por um dos melhores autores do género policial de todo o Mundo.

3.º PRÉMIO — DOIS ROMANCES DA CONSAGRADA «COLECCAO DETECTIVE»: O CÃO POLICIA, de Nelson Mackey, e A TRAGÉDIA DO PALHAÇO, de James Black.

# ***Crianças italianas*** ***colaboram no esforço de guerra***



AS CRIANÇAS ITALIANAS, num gesto gracioso e nobilíssimo, cooperaram, como todo o povo, na campanha lançada recentemente para o envio de abalos aos soldados expedicionários na frente russa. As fotos desta página mostram-nos espequeninos italianos entregando, nos locais previamente designados, os seus objectos e vestuários e milhares de meadas de lã.

Os melhores  
Atelieres  
Gráficos  
do País

**BERTRAND  
IRMAOS, L.<sup>DA</sup>**

T. DA CONDESSA DO RIO, 27 LISBOA. TEL. P.B.X. - 21227  
21368

## ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORÁRIO

NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA

TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	7,50
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	11,00
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	15,30
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	20,10
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	»
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	»
Ondas médias	m. 221.1	(kcs 1357)	20,10
	m. 263.2	(kcs 1140)	»
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	22,10
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	»
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 18	m. 30.74	(kcs 9760)	23,00
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	»

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO  
EM LÍNGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20,20 horas, e às quartas-feiras, às 20,10 horas, serão radiodifundidas palestras em língua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS 11695) e 30.52 (KCS 9830)



OS POETAS Sidónio Muralha, Leonel Neves e Joel Serrão que tomaram parte na 1.ª sessão do ciclo «Cultura e Arte Moderna» na Faculdade de Letras.



A PROFESSORA D. JOANA TAVARES DE MELO que efectuou há dias um recital de piano na Casa das Beiras.



OS MEMBROS DA JUNTA SUPREMA DO REGIONALISMO BEIRÃO reunidos recentemente para apreciar o plano de trabalhos apresentado pelo Conselho Regional para o ano de 1942.

AOS 70 ANOS, as circunstâncias obrigam este marinheiro mercante, tripulante dum barco de carga inglês, a lidar com uma arma anti-aérea, aquela com que o seu navio se defende dos aviões inimigos. (Foto «Britanova»).

